

## ESCRITA E REESCRITA NO ENSINO DE HISTÓRIA

**Bruno Cesar Santos de Souza<sup>1</sup>**

**Giselle Antunes Coutinho<sup>2</sup>**

**Jônatas Roque Mendes Gomes<sup>3</sup>**

**Helenice Aparecida Bastos Rocha<sup>4</sup>**

### 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma análise a partir das ações de licenciandos de História da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), através do Projeto Pibid (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência), que tem financiamento institucional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e da própria Universidade. Este subprojeto é um entre outros que compõem um grande projeto envolvendo diversas licenciaturas da Universidade.

O Projeto conta com a parceria do Colégio Estadual Dr. Adino Xavier, localizado em São Gonçalo (RJ), desde o segundo semestre de 2011. O subprojeto de História tem como tema “Ensino e Aprendizagem de História como resultado da interação pela, através e na linguagem.” A partir desse projeto, as atividades realizadas foram propostas e realizadas pelos licenciandos, a partir de

---

<sup>1</sup>Graduando do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e bolsista Capes de Iniciação a Docência (Capes/Uerj). E-mail: [bruno-uerj-ufrrj@hotmail.com](mailto:bruno-uerj-ufrrj@hotmail.com)

<sup>2</sup>Graduando do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e bolsista Capes de Iniciação a Docência (Capes/Uerj). E-mail: [gisa-coutinho@hotmail.com](mailto:gisa-coutinho@hotmail.com)

<sup>3</sup>Graduando do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e bolsista Capes de Iniciação a Docência (Capes/Uerj). E-mail: [jonatasroquebk@hotmail.com](mailto:jonatasroquebk@hotmail.com)

<sup>4</sup>Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordenadora do Subprojeto Pibid/História Capes/Uerj e professora adjunta do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). E-mail: [helarocha@gmail.com](mailto:helarocha@gmail.com)

orientação das professoras supervisoras (professoras do colégio participantes do projeto) e da coordenação do projeto.

O subprojeto História tem como objetivo analisar as diferentes linguagens desenvolvidas e utilizadas no ensino e aprendizagem de História em sala de aula, por professores e alunos, além de buscar estreitar os laços entre a Universidade e as escolas, um dos objetivos reiterados pela Capes para o Pibid. O que possibilita a atuação de licenciandos na escola é a troca de conhecimento, através de ações que levam ao colégio discussões que estão sendo debatidas na Universidade, e a troca de experiência já conquistada pelo docente em seus anos de magistério, a partir da vivência do dia a dia da escola e da aula de História, desde seu planejamento até sua avaliação.

Partindo desses objetivos, a partir do segundo semestre de 2011, os graduandos tiveram vivências, fizeram observações sobre as formas de ensinar e aprender História em turmas e anos escolares diferentes a cada semestre, apresentaram ao grupo e realizaram atividades que pudessem contribuir para a superação de dificuldades existentes no ensino de História. Todo esse processo foi registrado por escrito, em fotografias e em vídeo, constituindo um banco de imagens e de textos para estudos posteriores.

Ao longo dos semestres, em turmas do 6º e 9º anos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, os bolsistas vieram destacando que um número considerável de alunos, de diversas turmas e anos escolares, apresentava dificuldades em desenvolver respostas escritas para as questões apresentadas pelos professores e respondidas oralmente pelos próprios alunos em sala de aula –o que evidencia um problema que traz algumas especificidades. Uma delas é a diferença entre fala e escrita, que será abordada ao longo deste texto.

A atividade pensada tinha o intuito de fortalecer a possibilidade de elaboração oral na aula, de forma a que, quando os

alunos escrevessem seus textos, sua elaboração fosse facilitada. Assim, foi preparada uma atividade sobre a Segunda Guerra Mundial (conteúdo preestabelecido pelo Currículo Mínimo do Estado do Rio de Janeiro), composta por aula expositiva e apresentação de dois vídeos. Após a atividade, os bolsistas Pibid procuraram fazer perguntas que propiciassem o estabelecimento de relações entre o que havia sido exposto e o teor dos dois vídeos. A seguir, os alunos elaboraram um texto (resumo) sobre o que entenderam da aula.

Ao final da atividade, ao serem recolhidos os textos, observou-se que, ainda assim, havia textos pouco desenvolvidos ou sem as relações esperadas. A partir de reunião do grupo, supervisora e coordenadora, combinou-se que seria produzida a refacção ou reescrita dos textos, com a supervisão e apoio dos bolsistas.

A reescrita ou refacção possibilitou que os alunos reelaborassem o texto, após a correção feita pelos bolsistas e pela professora, levando em consideração as observações registradas por escrito na correção, o que contribuiu para a reflexão dos próprios alunos sobre suas atividades e também sobre as possibilidades de corrigirem suas imprecisões e melhorarem na escrita do texto.

## **2 O SUBPROJETO HISTÓRIA E A PROPOSTA DO GRUPO**

Como já afirmado, o subprojeto de História do Pibid tem por objetivo propiciar aos graduandos conhecer e experienciar usos de diversas linguagens no ensino e aprendizagem de História no espaço escolar. O Projeto é formado por 18 bolsistas licenciandos, 3 professoras supervisoras (que atuam no Colégio) e 1 professora coordenadora. Os alunos são divididos em três grupos e, cada um, a cada semestre, fica sob a responsabilidade de uma supervisora. As três professoras/supervisoras, são docentes que atuam em diferentes séries (6º e 9º ano do Ensino Fundamental e Médio).

Dessa forma, cada subgrupo acompanha, durante um semestre, algumas turmas de uma determinada série, com uma das professoras supervisoras.

As atividades e ações relatadas nesse artigo são referentes à atuação dos bolsistas nas turmas de 9º ano, no primeiro semestre de 2012, com a supervisão da professora Elisângela. As ações foram desenvolvidas com base no Currículo Mínimo do Estado do Rio de Janeiro.

A abordagem didático-metodológica, habitualmente utilizada pela professora, consistia em apresentação oral dos conteúdos, esquematização de pontos importantes no quadro, e exercício de análise de fontes. Ao participar diariamente das aulas, pudemos conhecer os alunos e suas dificuldades, que eram explicitadas a partir de questionamentos.

A proposta de atividade elaborada pelos bolsistas parte de uma problemática, ou seja, uma questão relativa ao ensino e aprendizagem de História, inferida pelos bolsistas a partir da observação das aulas, tendo a aprendizagem dos alunos como foco. Na compreensão dos bolsistas, essa questão dificultava o entendimento do conteúdo pelos alunos.

### **3 A PROBLEMÁTICA**

A problemática observada nas turmas de 9º ano foi a dificuldade dos alunos em elaborar respostas por escrito, a partir de exposições orais. No decorrer das aulas, percebemos que, ao corrigir as atividades, a professora elaborava as respostas oralmente, junto com os alunos. Ao pedir aos alunos para escreverem a resposta em seus cadernos eles perguntavam: “Qual é a resposta professora?”, “Onde está a resposta?”, ou até “O que é para escrever?”. Tais perguntas, feitas repetidamente, evidenciaram

a dificuldade que os alunos tinham em desenvolver respostas escritas.

Havia um aluno, em uma das turmas de 9º ano, que sentava na primeira fileira, era extremamente participativo, e se mostrava interessado nas matérias ministradas. No momento de interação oral, ele conseguia expressar de forma satisfatória o que havia entendido. Porém, no momento em que era pedido para que a discussão fosse passada para o papel, esse mesmo aluno, que se expressava muito bem no momento das discussões, mostrava dificuldade e não conseguia completar o seu raciocínio em forma de palavras escritas.

Também era percebida pelos bolsistas, e reiterada pela professora, uma dificuldade no uso de materiais de leitura. Era nítida a preocupação da professora Elisângela. Ela elaborava um trabalho específico com os alunos, para ser realizado em casa, em que era recomendada a leitura de alguns documentos históricos, dentre os quais o livro didático tinha um papel fundamental. A leitura em voz alta de fragmentos de textos, em sala de aula, também vinha sendo realizada, ocasião em que cada aluno lia um parágrafo e, posteriormente, outro aluno era escolhido para continuar a leitura – dessa forma, todos prestavam bastante atenção na leitura, uma vez que o próximo a ser chamado a ler poderia ser qualquer um.

Essas questões relativas à leitura e escrita se apresentam como um problema a ser resolvido não apenas na disciplina de História. Mas, pelas características da forma de apresentação e acesso ao conhecimento Histórico, muitas vezes o momento de o aluno escrever o que sabe sobre algo se mostra nesta disciplina como uma questão. Além do problema reiteradamente exposto por professores, pesquisas recentes apontam o problema e sua relação com a oralidade, na interação em sala de aula de História (ROCHA, 2010). Em síntese, conclui-se que parte do problema ocorre pela manutenção de uma compreensão empirista de ensino e

aprendizagem. Tal compreensão naturaliza o trânsito entre a informação oral que o professor ou o texto oferecem e aquilo que o aluno devolve através de seu registro escrito sobre o que foi apresentado. A autora afirma que a linguagem, na interação da sala de aula, também constitui o conhecimento histórico, propondo a desessencialização dos conteúdos como algo a ser transportado pela linguagem.

Diferentes caminhos podem ser trilhados na superação desse modo de compreender o ensino e a aprendizagem de História. Neste trabalho, os bolsistas decidiram pela ênfase na diferença entre a fala e a escrita. Assim como destaca Marcuschi, vivemos em um país que valoriza a escrita, mas, ainda assim, falamos mais do que escrevemos e, apesar de a escrita ser a área mais trabalhada pelas escolas, persiste ainda a visão de que ela é difícil, por causa de sua formalidade. Para esse autor, a fala e a escrita são maneiras diferentes de textualizar e produzir um discurso, sendo assim não há parâmetros linguísticos específicos para essa relação. Uma maneira de explicitar essa relação é quando passamos para a forma escrita um discurso oral. Na fala, podemos destacar que há marcadores (como; bom; bem; então; assim...) que iniciam, mas não concluem as frases. Ao passar o discurso oral para a forma escrita, muitos desses marcadores devem ser retirados e substituídos por outras palavras. No caso do aluno do Ensino Fundamental, ele ainda está aprendendo as formas de fazer tais mudanças na escrita (DIONISIO; MARCUSCHI, 2005).

Um modo de trabalhar essas diferenças é a retextualização, que consiste em passar um texto que está expresso em uma base para outra, conforme será aprofundado posteriormente. Em uma atividade elaborada pela professora, durante o estudo sobre a escravidão no Brasil no século XIX, os alunos ouviram a canção “Canto das três raças”, e responderam algumas questões em dupla. Ao longo da atividade, os alunos tiravam dúvidas com os

professores e licenciandos, e chegaram a reescrever as respostas, pois, conforme ‘tiravam dúvidas’, percebiam que podiam elaborar uma resposta mais completa. Através dessa atividade, pode-se perceber que a interação em torno dos temas em estudo, bem como o acompanhamento e a reescrita, colaboram para uma expressão mais favorável do que os alunos sabem, pois eles reconhecem seus erros e percebem que são capazes de escrever melhor, de forma mais clara e completa<sup>5</sup>.

Orientados teoricamente pela discussão apresentada resumidamente acima e com essa problemática em mente, discutiu-se em grupo algumas atividades onde abordássemos conteúdos curriculares na alternância entre oralidade e escrita. O objetivo era diminuir a distância entre o desempenho dos alunos nessas duas modalidades, diminuindo o tamanho do problema.

#### **4 A ATIVIDADE**

A atividade proposta se deu através de uma introdução expositiva do início da Segunda Guerra Mundial, seguida pela exibição de duas animações, que entendemos como uma forma variada de reapresentação de aspectos do conteúdo para levar os alunos a estabelecerem relações entre as ideias transmitidas em cada um.

O primeiro vídeo foi o *Donald Duck in Nutzi Land*, título original do filme *Der Fuehrer's Face* produzido pela Walt Disney, em 1943, no período da Segunda Guerra, com o objetivo de reforçar o nacionalismo estadunidense colocando-o como positivo, ao contrário do alemão nazista, que era apresentado de forma negativa. O personagem Pato Donald encarnava, em sonho, o papel do operário alemão, submetido ao autoritarismo e a falta de liberdade,

---

<sup>5</sup>As elaborações aqui presentes foram construídas a partir do Registro escolar - Caderno de campo C. E. Dr. Adino Xavier, realizado em 16/04/2012.

representada pelos americanos. O segundo vídeo exibido era uma propaganda soviética produzida em 1941, que mostra a ambição expansionista da Alemanha Nazista e a força da URSS em defender seu território com galhardia. Os alemães eram representados como porcos selvagens, o que acentua a diferença entre os porcos alemães e os bravos soldados soviéticos. Essa propaganda era dirigida ao povo russo, como forma de reforçar sua moral diante da situação de guerra.

Após a exibição dos filmes iniciou-se um diálogo com os alunos, seguindo um roteiro de pontos que relacionavam o conteúdo exposto e aspectos dos vídeos. Pediu-se a eles que apresentassem pontos que consideraram relevantes acerca dos vídeos, bem como questões e dúvidas. Também pediu-se aos alunos que destacassem o objetivo da produção desses vídeos, quais as visões que apresentavam sobre a Alemanha ao grande público, a relação de poder, as questões sociais e econômicas. Os bolsistas também destacaram o poder da propaganda e a sua influência, como um tema para além dos conteúdos explicitados.

Para produzir o texto escrito, os alunos teriam que se utilizar de forma crítica dos conhecimentos apresentados durante as aulas, atentando para as particularidades de cada um. Teriam que interpretar as diferentes modalidades de texto trabalhadas, e expressar suas interpretações por meio do texto escrito. Por fim, os alunos elaboraram a redação comparando os dois vídeos, tendo como base a aula expositiva, as discussões feitas e recuperando elementos das aulas ministradas pela professora.

Ao final dessa escrita, os bolsistas fizeram uma leitura das redações produzidas. Poucas entre elas atingiam o objetivo pretendido. Apresentavam textos fragmentados, com pouca articulação. Os bolsistas expuseram essa avaliação ao grupo e decidiu-se investir na refacção, ou seja, na reescrita dos textos após indicação, pelos bolsistas, de suas fragilidades.

O objetivo inicial não era a reescrita do texto, mas sim a sistematização da aula juntamente com os vídeos sob a forma escrita, denominada **retextualização**. A partir dos resultados alcançados em relação ao objetivo inicial, decidiu-se investir na *reescrita*, e conseqüentemente, na busca de melhoria dos textos pelos próprios autores, os alunos. A seguir são apresentadas as definições destes dois importantes conceitos para a realização da nossa atividade e a avaliação dos resultados a partir de seus usos.

## **5 RETEXTUALIZAR E REESCREVER**

Na atividade proposta foi objetivado na sala de aula do 9º ano o desenvolvimento da linguagem dos alunos e a diminuição dos problemas apontados. A partir dos textos produzidos, decidiu-se investir na *retextualização* e na *reescrita* (refacção), considerando a premissa de que o conhecimento não é simplesmente transferido por uma aula, ou por um vídeo, mas se faz em um processo de construção contínua por meio de reflexão, estudo e procedimentos objetivos e efetivos.

A retextualização consiste em se produzir um texto, seja ele oral, escrito, fílmico, etc. a partir de outra(s) modalidade(s) de texto, traduzir um texto em outra forma de texto. A retextualização não consiste apenas do oral para o escrito, por exemplo, mas o contrário também, inclusive em outras formas de texto (MARCUSCHI, 2001). A retextualização se caracteriza também pelo que Matencio chama de “mudança de propósito”, ou seja, quando o texto original foi feito para uma finalidade e não o auxílio na prática docente, não são vídeos paradidáticos (MATENCIO, 2002 apud D’ANDREA; RIBEIRO, 2010). Por exemplo, os vídeos utilizados NA atividade que tinham como objetivo fazer propaganda contra a Alemanha e Justificar a entrada dos Estados Unidos e a União Soviética na Segunda Guerra Mundial e a aula expositiva (texto oral) que tinha como objetivo a

compreensão e reflexão sobre o conteúdo, Segunda Guerra Mundial.

A reescrita (ou refacção) se caracteriza por se reescrever um texto fazendo melhoramentos e aperfeiçoamentos em textos escritos, é uma nova versão sem mudanças estruturais. A reescrita é feita de um texto escrito para um da mesma modalidade, apenas corrigindo imprecisões, erros ortográficos, léxicos, de concordância e de coerência, portanto não muda o propósito do texto, ele continua com o mesmo objetivo inicial. Há quatro operações possíveis na reescrita. São eles *substituição*, *adição*, *supressão* e *deslocamento* de termos (FABRE, 1987 apud D'ANDREA; RIBEIRO, 2010).

A prática da reescrita em sala de aula necessita da orientação docente para se reorganizar os saberes presentes no texto, é uma ação mediadora e reflexiva. O professor precisa saber o que está fazendo e para que está fazendo a correção dos trabalhos de seus alunos; ele necessita entender seu papel. Uma correção, correta ou não, influirá na qualidade do texto reescrito. A reescrita se torna uma ação direcionada, no sentido em que o professor dará pistas e orientações para que o aluno reflita e reescreva seu texto. Sendo assim, a correção é uma etapa de extrema relevância para a prática da reescrita.

Existem quatro tipos de correção possíveis,

*A correção resolutive* (caracterizada pela apresentação e solução dos problemas detectados nos textos), a *correção indicativa* (que se marca pela indicação, local, dos problemas encontrados nos textos), a *correção classificatória* (em que a natureza dos problemas detectados é apontada, através de metalinguagem codificada específica) e a *correção textual-interativa* (na qual, através de recados, o professor estabelece interlocução não codificada com o aluno, discutindo problemas de diferentes níveis do texto e, por vezes, apresentando solução ou sugestão para a tarefa de reescrita do mesmo). (RUIZ, 2001 apud ASSIS, 2006, grifos do original).

Tal classificação pode ser potencializada na aula de História objetivando a melhor elaboração da compreensão dos conteúdos

específicos. Ou seja, considerando a estrutura e articulação das informações e argumentos apresentados.

Os quatro tipos de correção supracitados podem resultar em boas reescritas, inclusive se utilizadas juntas, contudo, a **correção textual-interativa** é a que melhor atende ao objetivo de estimular o desenvolvimento da linguagem do aluno e de sua reflexão sobre sua própria escrita e, portanto, este tipo de correção deve reger as outras. O professor busca, nessa correção, a todo momento, o diálogo com o aluno, instigando-o a refletir sobre o que escreveu, questionando-o sobre o motivo pelo qual ele escreveu tal coisa etc., abrindo, assim, o precedente para utilizar as outras correções, na atividade. Com a prática contínua dessa revisão sobre a escrita do aluno, este dependerá cada vez menos da intervenção do professor para refletir e aperfeiçoar seus próprios textos. Procurou-se sempre privilegiar este tipo de correção na atividade.

Esses apontamentos teórico-metodológicos sobre a intervenção para a melhoria dos textos produzidos foram úteis para o grupo de bolsistas, após constatar um resultado muito aquém do planejado, após a exibição dos vídeos e a comparação dos mesmos por parte dos alunos. Verificou-se que os textos estavam mal escritos e em grande parte havia cópias, seja dos próprios alunos seja do livro didático. Verificou-se, mais uma vez, marcas da linguagem falada onde deveria haver a linguagem escrita e, além disso, que os alunos estabeleciam relações que não eram permitidas nem pelas exposições, nem pelos vídeos e muito menos pelo debate ocorrido em sala.

Um dos exemplos desse conjunto de problemas está na frase encontrada no texto de um dos alunos: “Os alemães estavam tipo querendo fazer mais guerra para depois arrumar mais dinheiro.” De fato, os alemães estavam envolvidos em mais uma guerra, mas não houve a afirmação de que seria por mais dinheiro. Essa inferência foi feita pelo aluno sem elementos para isso, configurando o

estabelecimento de uma relação causal na ausência de informações razoáveis.

A partir dessa constatação, decidiu-se entregar aos alunos os mesmos textos já elaborados, para que eles próprios lessem o que haviam escrito e avaliassem as melhorias possíveis. Objetivou-se, assim, o desenvolvimento da linguagem dos alunos, seu conhecimento sobre a História e a diminuição dos problemas apontados.

A atividade de refacção teve um bom êxito. Não apenas quanto ao domínio do conteúdo, mas também em relação a atitude em sala de aula, evidenciando que, muitas vezes, a questão do comportamento está misturada ao mau desempenho escolar. Encontramos um exemplo gratificante dessa melhoria na escrita de uma aluna que tinha péssimo comportamento em sala, com traços de uma personalidade forte, que gostava de conversar o tempo todo e por isso atrapalhava o entendimento dos outros alunos a sua volta e até mesmo a apresentação das aulas. Ela havia escrito um texto comparativo que deixava muito a desejar – havia erros de português, frases sem concordância e incorreções históricas, como podemos notar na primeira versão de seu texto.

A forma de trabalho era tipo trabalho escravo, a alimentação não era muito boa eles tinham que fazer um culto ao nazismo, não tiam (tinham) férias.  
Esse tipo de trabalho se passava na Alemanha o trabalho era escravo poisle não tiam condições muito boas para trabalhar, a comida era ruim e não tinha ferias e eles sempre fazem um culto nazista eles não podiam falar mal de Hitler. (Aluna Y, versão 1).

Após a correção do texto, foi registrado o que a aluna poderia melhorar em seu texto, através de apontamentos que, além de informar dados, levassem a aluna a pensar sobre o que tinha escrito, como, por exemplo, a orientação: “Aluna Y, o trabalho na Alemanha não era escravo, os operários alemães trabalhavam pelo ideal ariano, que dizia que a pátria deveria ser unida por um ideal”.

Com o auxílio de outra bolsista, a aluna refez o seu texto comparativo cinco vezes, e para alegria de todos foi esse o melhor entre todos da classe. O esforço dessa aluna resultou no esforço mútuo de outros alunos que, ao verem o seu empenho, também se inseriram mais fundo profundamente na atividade. Podemos ver a melhora do texto no trecho a seguir:

A forma de trabalho dos alemães não era muito boa, mas eles trabalhavam pela ideia de que a pátria deveria ser unida, com isso eles gostavam do nazismo, pois com o poder de Hitler melhorou muito a forma de vida deles, também vemos no vídeo que a comida deles não era muito boa, (e) eles tinham(tiam) que acorda(r) cedo. (Aluna Y, versão 5).

Comparando as duas versões do texto, pode-se observar a apropriação de novos elementos, a partir da orientação dada para a revisão do texto, e a reflexão individual da aluna sobre seu próprio texto pela inserção de novos aspectos e a exclusão de imprecisões.

Outro exemplo é o de uma aluna que não apresentou imprecisões em seu texto original, mas sim uma cópia do livro didático, como no trecho a seguir: “Em 1925, a Alemanha republicana era governada pelo general Paul, colocou em prática o programa de recuperação econômica e fortaleceu a democracia no país.”(Aluna W, versão 1).

Tomando este texto como ponto de partida, os bolsistas orientaram a aluna a fazer um texto mais autoral, a partir do que ela havia assistido nos vídeos e na aula expositiva, considerando que não se fazia necessária a cópia do livro, este ficaria apenas como um suporte de consulta ou fundamentação. Após esta orientação, o formato final do texto da Aluna W ficou assim:

Em 1939 quando ocorreu a Segunda Guerra a União Soviética criou um vídeo com o personagem de um porco invadindo os países querendo negatar a Alemanha e querendo se engrandecer se mostrando melhor que os outros países [...] O objetivo dos dois vídeos é(era) negatar a Alemanha, sempre se

mostrando um melhor que outro como são propagandas.  
(Aluna W, versão 2).

Observou-se que a aluna escreveu um texto com sua linguagem, utilizando expressões como negativar. Também traz de forma pouco elaborada a imagem utilizada pela União Soviética para os nazistas, um porco. De qualquer forma, ela apresenta sua compreensão, que está adequada aos propósitos da atividade. No processo de reescrita, nem sempre a primeira versão funciona como base para a segunda; no caso explicitado acima foi exposto à aluna que não era objetivo da atividade a simples cópia do texto do livro didático, mas sim uma produção crítica e autoral a partir da aula. Desse modo, a construção de um segundo texto, diferente do primeiro, se fez necessária, sem que a aluna tivesse que assistir a uma nova aula, ela construiu o novo texto a partir da mesma aula que havia assistido para fazer a primeira versão.

## **6 CONCLUSÕES**

Através das atividades de retextualização e reescrita, percebeu-se que é possível minimizar dificuldades relacionadas ao ensino e aprendizagem de História, com atividades que, por si, não tem objetivos voltados para a aprendizagem da disciplina, mas que, visto a linguagem constituir conhecimento, contribuem para sua aprendizagem. Com o decorrer das atividades, percebeu-se que os alunos foram demonstrando mais facilidade em escrever o que havia sido exposto oralmente.

A atividade de refacção foi importante, pois, após a correção, os alunos tiveram a oportunidade de tomar conhecimento dos erros e refazer o texto, de maneira que os erros fossem reduzidos. Foi perceptível a melhora na qualidade dos textos, pois além da correção, no decorrer da aula, os alunos tiveram a oportunidade de 'tirar dúvidas' com a professora, os licenciandos e com os outros

colegas. Ou seja, funcionou como uma revisão ativa por parte dos alunos.

É importante destacar que, como essa não era uma atividade que realizassem habitualmente, no início da refacção os alunos não demonstraram muita vontade de refazer os textos. Eles mostraram elementos de uma cultura escolar de realização burocrática de tarefas, para delas se desincumbir. Mas, conforme os bolsistas foram conversando, falando da importância da reescrita, eles não só aceitaram como se esforçaram na realização da atividade.

No final, pode-se destacar que os textos estavam mais contextualizados, além de apresentarem de forma crítica os posicionamentos ideológicos dos países, e não como uma verdade absoluta.

Sendo assim, os objetivos traçados foram alcançados no momento em que os alunos, além de produzirem textos melhores, conseguiram analisar criticamente seus próprios textos, de forma que puderam reconhecer seus erros e buscar mecanismos que aprimorassem sua atividade.

Registra-se ainda a importância de uma ação coordenada entre bolsistas graduandos, supervisora e coordenação do projeto, pois o trabalho realizado foi o resultado dessa ação coordenada, resultando em aprendizagem não só para os alunos da escola, mas para todos nós, de acordo com as pretensões da Capes com o Programa Pibid.

## **REFERÊNCIAS**

ASSIS, J. A. Correção de textos, reescrita e formação de professores: diálogos do/no processo de ensino e de aprendizagem. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE PRÁTICAS ESCRITAS NA ESCOLA: LETRAMENTO E REPRESENTAÇÃO, 2. Universidade de São Paulo, São Paulo, agosto 2006.

D'ANDREA, C. F. B.; RIBEIRO, A. E. Retextualizar e reescrever, editar e revisar: reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial. **Veredas Online**, Juiz de Fora, n. 1, 2010, p. 64-74. Disponível em:

<<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/ARTIGO-5.pdf>>

Acesso em: 26 jun. 2013

DIONISIO, A.; MARCUSCHI, L. **Fala e escrita**. Belo Horizonte. Autêntica, 2005.

DONALD Duck in Nutzi Land. Direção: Jack Kiney. Produção: Walt Disney Productions. 1942. 1 DVD (8 min), color.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: a atividade de retextualização. 2.ed., São Paulo: Cortez, 2001.

MATENCIO, M. L. M. Atividades de retextualização em práticas acadêmicas: um estudo do gênero resumo. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 25-32, 2002.

ROCHA, H. A. B. A escrita como condição para o ensino e a aprendizagem de história. **Revista Brasileira de História**, v.30, n.60, 2010, p.121-142. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v30n60/a07v3060.pdf>> Acesso em: 26 jun. 2013

*Recebido em: 28/05/2013*

*Aprovado em: 12/06/2013*